

Crítica ao modelo interacionista da identidade de gênero 8

Ramon Luiz Braga Dias Moreira*

RESUMO

O autor pretende repensar a teoria interacionista de John Money sobre Identidade de Gênero, a partir dos novos concertos advindos das teorias feministas e das teorias da psicossociologia.

O autor situa a teoria de Money dentro da doutrina funcionalista, considerando-a, neste sentido, fixa em seus pressupostos, e com objetivos normativos.

Considera ainda que a pesquisa original (que deu origem a toda teoria interacionista) não possui validade científica capaz de generalização, tal como vem ocorrendo, a partir dela até nossos dias.

A proposta final do artigo é sugerir reformulação a complementação aos concertos de identidade de gênero, compatíveis com as mudanças sociais advindas da pós-modernidade.

*Partiu-se o espelho mágico em que me revia idêntico,
e em cada fragmento, fatídico vejo só um bocado de mim.*

Fernando Pessoa (Lisbon Revisited)

* Ginecologista e obstetra.
Recebida em 25.05.95

Aprovado em 12.07.95.

INTRODUÇÃO

Que gênero de identidade é este a que nos referimos quando queremos falar- de identidade de gênero?

Esta podia ser a questão básica para uma análise que pretendo fazer sobre os concertos iniciados por Stoller e Money faz 3 décadas. Que os trabalhos destes autores tenham sido pioneiros, que tenham alargado a nossa forma de pensar a relação homem/mulher, os conceitos de masculino/Feminino, a homossexualidade e a transsexualidade, o reducionismo biológico e psicológico, tudo isto está fora de dúvida.

Todo o esforço que fizeram para lançar uma nova ordem neste campo de conhecimento, não estava, entretanto, liberto de suas fundações masculinas e do peso de sua deixis fundadora (no caso de Stoller, a psicanálise Freudiana, no caso de Money, todas as teorias biológicas da medicina herdadas da sexologia do século XIX, e as positivas do século XX), e por isto mesmo, esbarrraram nas neo-formulações das obras feministas sobre gênero e identidade. A partir destas, Identidade e Gênero passam a ser concertos tão distintos que quase parece contraditório imaginar-se uma fundamentação teórica acerca da Identidade de Gênero.

Estudando uma obra fundamental de John Money e contrastando-a com as teorias atuais (e atualizadas) de gênero, procuro, neste trabalho, promover uma crítica ao modelo interacionista por ele proposto (e ainda aceito em sua totalidade por muitos estudiosos da área), a partir de um questionamento de questões metodológicas de seu trabalho original, a de pontos que considero ainda não suficientemente esclarecidos em sua argumentação conceitual.

CONCEITOS BÁSICOS DA TEORIA INTERACIONISTA

Os estudos sobre Identidade de Gênero são intensificados na década de 60, a partir de Gender Identity Research Project (University of California-Los Angeles). Robert Stoller introduz o termo “gender identity”, no Congresso Psicanalítico de Estocolmo, em 1963: este conceito baseia-se numa distinção biológico/cultural, em que o sexo está relacionado à biologia (hormônios, bens, sistema nervoso, morfologia) enquanto gênero está relacionado à cultura (psicologia, sociologia).

Quase ao mesmo tempo, John Money e sua equipe realizam estudos com vítimas de androgenização fetal intra-uterina, a partir dos quais postulam uma teoria interacionista da formação da identidade de gênero. Os trabalhos de Money ganham popularidade, e ele inaugura, em 1965, o John Hopkins Medical School's Gender Identity Clinic, conseguindo para o seu projeto, uma grande soma de dinheiro e vários colaboradores.

Os trabalhos de Money são publicados em numerosas revistas e em duas principais obras: o volumoso e fragmentado *Handbook of Sexology*, obra didática de 1977, e o clássico *Man and Woman, Boy and Girl*, de 1972.

Para Money, a identidade de gênero não se forma a partir do cultural, como pressupunha Stoller, nem tampouco do biológico (idéia advinda da Sexologia do século XIX), mas a partir da interação entre estes dois fatores.

Money assim se refere à Identidade de Gênero, na Introdução à edição espanhola do *Man and Woman, Boy and Girl*, de 1982: “a identidade de gênero de uma pessoa não é o produto nem da natureza nem da educação, nem da herança nem do meio-ambiente, atuando por si só, como dissemos no prefácio deste livro de 1972. O que se precisa é uma espécie de terremoto teórico: um deslocamento desde a formulação com base nos termos: herança/meio-ambiente, à de três termos: herança/período crítico/meio-ambiente. A natureza, a herança e o meio-ambiente interatuam durante um período crítico do desenvolvimento. O correspondente efeito é aumentado mediante subseqüentes interações até que o produto final permaneça fixado para sempre.”

No *Man & Woman, Boy & Girl*, Money pretende ultrapassar a polaridade natureza/cultura, de Stoller, e justifica a sua teoria partindo de seus estudos clínico com a população especial de meninas androgenizadas intraútero. Ele propõe que a diferenciação sexual adulta se dá por um processo de cascata, com períodos nitidamente cruciais, como as 12 primeiras semanas intra-útero, os 2 anos de idade, a puberdade, a adolescência.

Identidade de Gênero é: “a igualdade a si mesmo, a unidade e persistência da própria individualidade como homem, mulher, ou ambivalente, em maior ou menor grau, em especial tal como é experimentada na consciência de si e na conduta; a identidade de gênero é a experiência pessoal do papel de gênero, e este a expressão pública da identidade de gênero. Por seu turno, o papel de gênero é: o quanto uma pessoa diz ou faz para indicar aos demais ou a si mesmo o grau em que é homem ou mulher, ou ambivalente; inclui a reação e as respostas sexuais, embora não se limite às mesmas; o papel de gênero é a expressão pública da identidade de gênero e esta é a experiência privada do papel de gênero”.

A formação da identidade de Gênero adulta, segundo a teoria de Money, tem início no cromossoma, e segue, por períodos críticos, submetida a dimorfismos (genital/cerebral, gonadal/hormonal, relacional/corporal).

Por acreditar que o processo de identidade tem início intra-útero, justifica o uso de diferenciação psicosssexual ao invés de desenvolvimento psicosssexual. Considera antiquado usar dicotomias para uma moderna teoria genética, e propõe uma programação interacionista entre meio-ambiente e biologia. Utiliza o termo *Imprimatur*, para designar aquelas alterações ocorridas nos períodos críticos, sejam intra-útero, sejam pós-natais.

O trabalho que se tornou clássico, e que serviu de base ao desenvolvimento da teoria foi realizado na cidade de Búfalo, nos EUA, entre 1965 e 1967. Money e sua equipe estudaram 25 meninas androgenizadas intra-útero na década de 50, e que tinham então entre 4 e 16 anos. Estas meninas haviam nascido com genitalia ambígua, tendo sido vítimas ou de androgenização letrogênica durante as gestações de suas mães, ou de um defeito genético denominado síndrome adrenogenital). Em ambos os casos, os efeitos causados pelas respectivas síndromes cessavam logo ao parto, se devidamente diagnosticadas e tratadas, e a genitália ambígua era corrigida cirurgicamente nos primeiros meses após o nascimento.

Estava assim determinado o campo para o estudo da influência hormonal na identidade de gênero. Se estas meninas tivessem alterações compatíveis com comportamentos -masculinos” em sua vida adulta, de uma maneira uniforme, isto se apoiaria na influência masculinizante intra-uterina, já que após o nascimento o defeito endócrino havia sido corrigido. Estas meninas foram estudadas com o “máximo de rigor científico”, e comparadas com um grupo controle não masculinizado intra útero.

Um resumo dos resultados relatados pela equipe de Money pode ser assim relatado:

Houve diferença significativa no comportamento chamado por Money de “masculino”, no grupo de meninas androgenizadas, quanto aos seguintes aspectos:

- 1) As meninas masculinizadas intra-útero admitem ser viragos, e suas mães o reconhecem.
- 2) As meninas masculinizadas intra-útero não estavam satisfeitas com seu papel sexual feminino.
- 3) As meninas masculinizadas intra-útero se interessavam mais por atividades atléticas que as meninas controle.
- 4) As meninas masculinizadas intra-útero preferiam companheiros de brincadeira masculinos, em lugar de femininos.
- 5) As meninas masculinizadas intra-útero demonstravam menos interesse adolescente pelo cuidado de bebês, em relação ao grupo controle.
- 6) As meninas masculinizadas intra-útero preferem carros e armas de brinquedos e bonecas.
- 7) As meninas masculinizadas intra-útero dão prioridade à carreira profissional sobre o casamento.
- 8) As meninas masculinizadas intra-útero têm QI mais elevado.
- 9) As meninas masculinizadas intra-útero não se interessam por jóias, perfumes ou penteados femininos.

Aspectos em que não houve diferenças entre o grupo masculinizado e o grupo controle:

- 1) Interesse por masturbação e jogos sexuais.
- 2) Lesbianismo.
- 3) Romantismo e fantasias heterossexuais.
- 4) Engajamento nos relacionamentos heterossexuais.

Contrapondo à influência demonstrada dos hormônios, intra-útero, Money apresenta casos de crianças cujo sexo tenha sido re-designado durante a infância tardia, e analisa a influência que a socialização possa provocar em suas identidades de gênero, assim como analisa também a formação da identidade de gênero em culturas tribais, a partir de estudos antropológicos.

Em conclusão, ele relata: em última análise, o comportamento genérico dimorfo culturalmente propugnado (ou proibido) procede das realidades filogenéticas representadas pela menstruação, a fecundação, a gestação, e a lactação. Tais realidades são imperativos procriativos, por assim dizer, dentro do plano de toda definição cultural dos papéis masculinos e feminino, se dita cultura há de manter sua integridade e sobreviver. Especificam que, aparte de opções e alternativas marginais, uma complementariedade genérica dimorfa bem definida constitui o núcleo - o núcleo procriativo - de todo sistema de conduta entre os sexos.

ANÁLISE CRÍTICA DO MODELO INTERACIONISTA

O modelo interacionista de John Money é uma evolução do modelo de Stoller, mas não o supera. Os dimorfismos e as diferenciações dicotômicas revelam que a realização natureza/cultura não foi ultrapassada. Há como que uma determinação inexorável no desenvolvimento da identidade (e do Papel) seguindo uma cascata de eventos. A cascata segue sempre esquemas binários, de combinações fixas e em sequência.

Money não nos revela o seu conceito de gênero, que pode ser inferido como o produto da interação biologia/cultura na formação do indivíduo desembocando em sua identidade adulta (sexual? social?).

Uma certa aproximação no conceito da categoria gênero se dá quando divide os papéis em sexuais e sexo-codificados, e estabelece as consequências desta divisão para a relação entre os sexos, mas seu propósito funcionalista e normatizador o impede de perceber o alcance da proposição.

Ao analisarmos a questão do , gênero (ou a identidade, ou o papel), estamos analisando relações sociais. O gênero não se refere apenas ao elemento cultural da sexualidade (culture's working of biology, de Stoller) mas ao elemento específico desta realidade que se revela através das

relações de poder disseminadas nela. Neste ponto, a teoria interacionista não toca. Ao revelar a preponderância da cultura sobre a natureza, não procura explicar os mecanismos pelos quais esta cultura estabelece suas regras quanto ao sexo, ou melhor, preocupa-se apenas em estabelecer que tal cultura moda papel e identidade, coisas que sabemos, e sem as quais não existe cultura, seja qual for.

Quanto ao comportamento das meninas androgenizadas, podemos lançar algumas objeções ao que Money conclui.

Tais meninas haviam nascido de mães com gestações problemáticas, tanto que tiveram que usar hormônios para evitar o aborto. Neste caso podemos indagar, a partir da clínica. Há um fator psicossomático envolvido? Uma gravidez indesejada? Uma insegurança quanto à maternidade? Medo de serem abandonadas pelos maridos? Como sabemos que na cultura em questão (americana, ocidental, branca, da década de 50) a valorização de um bebê masculino era muito maior, não teriam estas mães preferido proporcionar características “masculinas” às suas filhas, ao invés de “femininas”?

As mães e os pais de tais meninas ficaram sabendo, desde o parto, que suas filhas haviam sido masculinizadas intra-útero, e autorizaram as cirurgias que designaram seus sexos como femininos, mas, acaso não teriam eles convivido com esta ambigüidade, e a incerteza de serem estas meninas verdadeiramente mulheres durante toda a vida, modificando a sua educação, em relação aos outros filhos, “normais”?

Em algum momento de suas vidas, estas meninas ficaram sabendo do que acontecera a elas intra-útero? Qual foi, a partir daí, a adaptação que tiveram a este acontecimento?

Teria, este mesmo trabalho, chegado a um resultado similar, se realizado em outra cultura com valores diferentes dos ocidentais, americanos?

Estas questões, que por vezes parecem óbvias, não são respondidas ao longo do trabalho de Money.

Um outro ponto obscuro fica por como da definição na identidade de gênero e do papel de gênero: identidade é a igualdade a si mesmo, papel é a experiência pública da identidade, identidade a experiência privada do papel. Numa analogia irônica, poderíamos dizer que ovo é o que sai da galinha e galinha o que põe ovo. Relembrando a crítica às teorias funcionalistas sobre gênero, advindas da biologia, Joan Scott afirma que mesmo que elas afirmem que as relações entre os sexos são sociais, elas não rios dizem nada sobre as razões pelas quais essas relações são construídas coma são, não diz como elas funcionam nem coma elas mudam.

Não há como separar a identidade sexual da social, pois como relata Ciampa, o conhecimento de si se dá pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses, etc., e, mais adiante, ... mas, se é verdade que minha identidade é cons-

tituída pelos diversos grupos de que faço parte, esta constatação pode nos levar a um erro, qual seja o de pensar que os substantivos com os quais nos descrevemos ("sou brasileiro", "sou homem", etc.) expressam ou indicam uma substância ("brasilidade", "masculinidade", etc.) que nos tornaria um sujeito imutável, idêntico a si-mesmo, manifestação daquela substância.

Quanto à fixidez do conceito, Joan Scott também nos lembra que "as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção do poder não segue necessariamente um sentido único.

Não sabemos qual é este si mesmo a que Money se refere: trata-se de uma referência ao eu ou ao ego? Qual a sua noção de self?

Em Money, o aspecto quantitativo da contribuição da natureza a da cultura é relevante em detrimento do aspecto qualitativo.

Por não discutir as relações de poder incrustadas na sociedade, das quais o gênero é espelho, por não ultrapassar a dicotomia natureza/cultura, e por considerar o dimorfismo genérico indispensável à integridade cultural, podemos considerar o discurso funcionalista da identidade de gênero como intrínseco às ficções da coerência heterossexual.

A fixidade dos modelos é própria da medicine e da psicanálise, principalmente, e limita a perspectiva de uma re-significação da identidade de gênero. A esse respeito diz Donna Haraway: the proper state for a Western person is to have ownership of the self, to have and hold a core identity as if it were a possession. That possession may be made from various raw materials over time, that is, it may be a cultural production, or one may be bom with it. Gender identity is such a possession.

Onde buscar esta posseção de identidade no tempo fragmentado da pós-modernidade? Onde buster fixidade no tempo da velocidade e do movimento? Onde buscar modelos, quando os modelos são cada vez mais internos do que externos?

É exatamente a este respeito que escreve Gilles Lipovestki, em *A Era do Vazio*: "Conduzindo ao sobre-investimento do existencial (na multidão de 1968 surgem os movimentos radicais de libertação de mulheres e dos homossexuais) bem como à diluição dos estatutos e oposições rígidas, o processo de personalização desfaz a forma das pessoas e identidades sexuais, monta combinações inesperadas, produz novas plantas desconhecidas e estranhas: quem pode prever o que quer será dizer, dentro de algumas décadas, mulher, criança, homem, ou segundo que figuras pitorescas se distribuirão esses termos? O desinvestimento dos papéis e identidades instituídos, das disjunções e exclusões clássicas fez do nosso tempo uma paisagem aleatória, rica em singularidades complexas."

Se na década de 60 Money buscou estas categorias de masculino e feminino para determinar uns meninas androgenizadas, ainda poderia usá-las, hoje? O engano de Money não teria sido: a descoberta é histórica, não biológica? Não seriam a bom de redefinir até o que chamamos de Hormônio masculino, já que o ativo/passivo, racional/emocional, natural/cultural, já não são mais apropriados à diferenciação entre os sexos (se é que o foi um dia)?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MONEY, John, and MUSPH, Herman. *Handbook of sexology*. New York, Oxford. Elsevier. 1978.
2. MONEY, John, and EHRHARDT, AnkeA. *Desarrollo de la sexualidad humana*. Madrid, Morata, 1982.
3. MONEY, John, and EHRHARDT, Anke A. *Man & woman, boy & girl*. Baltimore. John Hopkins Press, 1972.
4. SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife, S.O.S. Corpo, 1991.
5. HARAWAY, Donna. *Simians cyborgs card women: the reinvention of nature*. London. Free Association Books. 1991.
6. LIPOVETSKY, Gilles. *A era do Vazio*. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1986.
7. CIAMPA, Antônio da Costa. *Identidade em psicologia social, o homem em movimento*. Silva T. M. Lane e Wanderley Codo (orgs.), São Paulo, Brasiliense, 1984.